

A ética de pertencer a uma instituição.¹

Miriam A. Nogueira Lima.²

Alguns lembretes entre muitos outros que me acodem a mente, que cutucam minha prática, que me ajudam a prosseguir, e dos quais este texto é devedor.

De Freud, em suas “Novas conferências introdutórias à psicanálise”, a conhecida afirmação de que “a atividade psicanalítica é árdua e exigente, não podendo ser manejada como um par de óculos que se põe para ler e se tira para sair a caminhar... via de regras, a Psicanálise possui um analista inteiramente, ou não o possui em absoluto” (Freud, 1973:3188). Freud não está dizendo aí que ao abraçarmos a psicanálise ou assumimos inteiramente suas bases teóricas e conseqüências práticas, fiéis aos princípios, ou não estamos no campo da psicanálise?! Trata-se aqui da ética psicanalítica do desejo, como prevista por ele e sistematizada por Lacan, sobre o que vem a ser *o desejo do analista*, *o desejo de analista*, ou ainda *o desejo analista*?!

Na advertência de Lacan que o analista é menos livre naquilo que domina a estratégia e a tática, ou seja, em sua política, onde ele faria melhor situando-se em sua falta-a-ser do que em seu ser – sabidamente um ponto importante do escrito “A direção do tratamento e os princípios de seu poder” (Lacan, 1998:596), destaco a falta-a-ser. Em sua prática, o analista está muito menos seguro do ato analítico quanto mais interessado estiver em seu (entre aspas) “ser”, é o que nos adverte o texto. O exercício analítico “comemora” a falta-a-ser, ela lhe é propriamente intrínseca, é condição do exercício analítico, como o compreendo.

Autorizar-se analista requer que seja pago o “preço do espírito”, na curiosa expressão de Didier-Weill, (1993:85). Esse preço, que é o preço da castração simbólica, continuará sendo pago por aquele que se autorizou, ele afirma. Vejo esse preço a pagar de que fala Didier-Weill como estando relacionado a uma insistência e a uma desistência. A insistência simbólica de que haja análise, e a desistência da imaginária ilusão de completude, em face de comemoração da falta própria ao exercício da psicanálise. Esta precisa ser reinventada a cada vez. Requer do analista uma formação permanente, o que põe em

¹ Apresentado na Reunião Lacanoamericana de Psicanálise de Brasília, 21 a 25 de Setembro de 2011.

² Psicanalista membro da Intersecção Psicanalítica do Brasil, no Rio de Janeiro.

evidência a castração simbólica que é no dizer de Zizek ao ler Lacan: “o hiato entre minha identidade psicológica direta e minha identidade simbólica (a máscara ou título simbólico que uso, definindo o que sou para o Outro)” (Zizek, 2010:46). Ele explica o vínculo social nesses termos: “O pertencimento a uma sociedade envolve um ponto paradoxal em que cada um de nós é obrigado a abraçar livremente, como resultado de nossa escolha, o que de todo modo nos é imposto” (op. cit., p. 21). Imposto como? Obviamente, me parece, que imposto pelas próprias condições para se estabelecer uma associação, uma sociedade.

Neste sentido, vale lembrar a contribuição de Bruce Fink de que as associações psicanalíticas exprimem, elas mesmas, a situação social da psicanálise no mundo buscando defender seus direitos de existir nos contextos políticos em constante evolução adotando muitas vezes uma política lobista, como ele afirma (Fink, 1998:167-168). Ele assinala que as disputas por parte dos analistas surgem quando começa a institucionalização e são um subproduto dela e da adoção de outros discursos alheios ao discurso analítico.

Retomo as pontuações de Zizek sobre o pertencimento a uma sociedade, associação ou instituição onde as trocas simbólicas são necessárias à manutenção do vínculo social e são mais importantes para a manutenção da interação do que pelo que é trocado em si mesmo ³. Isto, entretanto, foge à capacidade de entendimento de alguns:

[...] embora eles sejam capazes de discernir as regras morais que regulam a interação social e até de agirem moralmente na medida em que isso serve aos seus objetivos, faltam-lhes o senso visceral de que simplesmente não podemos fazer algumas coisas, independentemente das regras sociais externas (Zizek, 2010:22).

Neste sentido ainda, ocorre-me o relato de Jean-Pierre Winter sobre um episódio de sua análise com Lacan. Sua fala na sessão - “É mesmo doideira afanar livros”, e a de Lacan - “De jeito nenhum, o que é louco não é afanar, é se deixar pegar”, funcionou para ele (Winter) como uma “retificação ética.” (Ele relata que quase fora preso certa vez, quando mais jovem, pelo roubo de livros o que estava em moda à época, mas se livrou do processo e escapou da prisão. Durante sua análise, Lacan o mandou visitar na penitenciária um colega seu também analisando de Lacan e que fora preso pela mesma razão. Foi como

³ Zizek dá o exemplo de Lacan que se envolve na etologia animal: as andorinhas-do-mar que apanham um peixe e o passam de bico em bico (como para deixar claro que o vínculo estabelecido dessa maneira é mais importante do que quem vai finalmente ficar com o peixe e comê-lo) envolvem-se efetivamente numa espécie de comunicação simbólica. *Como ler Lacan*, op. cit, p. 20.

se dissesse, “Você não queria ir para a cadeia? Então vá, e veja como é a coisa, que comentários você tem a fazer (...) vamos nos apossar dela para fazê-lo trabalhar naquilo de que se trata, para o senhor, nesse assunto” (Winter, 2009:141). Sugiro que se vá ao texto.

Tendo em vista as reflexões provocadas pelos lembretes e citações acima, concluo: mesmo permanecendo de óculos para caminhar, mesmo não tirando a camisa depois do jogo, mesmo pagando todos os preços, o analista enquanto cidadão é sujeito de sua ação quando pensa, escolhe, vota. É cidadão da sua própria vida, que sofre os efeitos de suas escolhas. E suas escolhas se refletem nos vínculos que mantém. Assim como escolhi meus analistas, escolho também os analistas para indicar como analistas. Sou responsável por esse reconhecimento, essa autorização. Isso inclui a mim mesma - se "me indico" ou não, se aceito ou não em tratamento quem me demanda análise.

De modo geral, há uma série de perguntas: Suporto esse lugar onde estou bem mais confrontada com minha falta-a-ser, que com minha ilusão de ser? Aceito que sou menos livre em minha ação política do que nas ações estratégicas e táticas que porventura eu domine a partir da técnica, em minha prática? Sou verdadeiramente “enamorada do inconsciente”, como diz Lacan no Seminário 21? Sobretudo quando ocupo um lugar que pode ser causa? Sem saber exatamente causa de quê, nem como vai seguir ou terminar esse percurso que, aliás, não tem como ser programado ou planejado previamente?

Bem, por ai vai... E por aqui fico... Para ouvir vocês...

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

“DIDIER-WEILL, A. “?Bendecir, maldecir o semidecir a Lacan?”. In *Lacan Hoy – Compilación de Esquisses Psychanalytiques*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1993.

FINK, B. *O sujeito lacaniano, entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

FREUD, S. “Nuevas lecciones introductorias al psicoanálisis, Lección XXXIV: Aclaraciones, aplicaciones y observaciones”. *Obras Completas*: Madrid, Biblioteca Nueva, 1973, Vol. III.

LACAN, J., “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”, *Escritos*: Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

WINTER, J-P., “ ‘Tiradas’ de Lacan”. In *Trabalhando com Lacan*. Org. A-D. WEILL e M. SAFOUAN. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

ZIZEK, S., *Como ler Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.